Anarquismo: Uma Breve Genealogia Histórica

CELIP(Círculo de Estudos Libertários Ideal Peres)

Este artigo não pretende nem de longe, esmiuçar todas as experiências anarquistas, isto por si só seria um trabalho hercúleo, que demandaria muito mais do que um mero esforço individual.

O que se pretende aqui é apontar alguns acontecimentos relevantes ao anarquismo e elucidar brevemente alguns conceitos chaves, de forma a que se pretenda dar a disposição do leitor, desdobramentos possíveis de estudo sobre o anarquismo e das experiências libertárias aqui listadas.

Alguns artigos de vários autores foram relacionados neste sentido, e adaptados para que coubessem na proposta deste artigo ser um resumo, um passo inicial; a bibliografia contida no fim do artigo pode completar e indicar um caminho dentre muitos, possível ao estudo do anarquismo. Há também dicas de livros introdutórios ao tema, o que tratam de temas diversos para manter-se atualizado sobre as discussões internas do movimento anarquista

Os textos sem autoria, são de responsabilidade do autor da compilação, e por ele foram escritos.

Rafael Viana

Origens e Etimologia & Principais Pensadores

O **anarquismo** pode ser compreendido sintéticamente, como um teoria política **anticapitalista** que acredita na organização da sociedade **sem a presença do Estado**. A **autogestão**, o **federalismo**, a **democracia direta** e a **luta contra quaisquer tipo de autoridades ou vanguardas** são partes constituintes desta teoria.

O termo **anarquismo**, deriva-se da palavra **anarquia**, do grego αναρχία (anarkhia), cujas raízes são: αν(α), an(a), e αρχ(ος), arkh(os), significando literalmente "sem governador ou sem autoridade". Aceita-se, que o termo anarquia quanto **anarquista**, originalmente foram utilizados políticamente durante a ***Revolucão Francesa***, com o sentido de crítica negativa e até de insulto a membros de determinados partidos para difamar seus oponentes.

Os anarquistas também se identificam comumente com os termos **Socialistas Libertários**, **Comunistas Libertários** ou **Ácratas** (sinônimos para anarquista, este último menos utilizado), o *Socialismo Libertário* ou *Comunismo Libertário* são termos que indicam uma teoria política socialista que combina a igualdade social com a liberdade política, em oposição ao socialismo *autoritário* e suas vertentes (marxismo-leninismo, bolchevismo, stalinismo, etc.).

"A liberdade sem o socialismo é a injustiça, o privilégio;
o socialismo sem a liberdade é a escravidão, o embrutecimento."
(Mikhail.Bakunin)

Habitualmente o termo ***anarquia*** é utilizado de maneira pejorativa, indicando desordem, caos ou baderna e os próprios dicionários reproduzem esta deturpação distorcendo o sentido político e histórico dado à palavra pelos anarquistas.

O anarquismo como teoria política, distancia-se totalmente da ***anomia*** (ausência de regras), pois muito além de negar o capitalismo, o Estado e quaisquer formas de dominação, está baseado em princípios, métodos e formas de organização propositivos. A definição do anarquista Rudolf Rocker nos é particularmente interessante acerca do conteúdo mais geral do anarquismo.

"O anarquismo é uma corrente intelectual definida de pensamento social, cujos adeptos advogam a abolição na sociedade dos monopólios econômicos e de todas as instituições políticas e sociais coercivas. No lugar da ordem econômica capitalista, os anarquistas teriam uma livre associação de todas as forças produtivas baseadas no trabalho cooperativo, que teria por único propósito a satisfação das exigências necessárias de cada membro da sociedade. No lugar dos atuais Estados nacionais, com sua maquinaria sem vida de instituições burocráticas, os anarquistas desejam uma federação de comunidades livres que devem estar vinculadas por seus interesses econômicos e sociais comuns e que devem resolver suas questões por meio do acordo mútuo e do livre contrato." (Rocker, 2005, pp 07.)

Além de uma teoria de crítica e proposição a uma sociedade socialista, o anarquismo também é em suma, uma **metodologia** revolucionária para se alcançar a sociedade sem classes.

Longe das discussões etimológicas ou filosóficas, é na questão histórica que encontramos o nascimento do anarquismo, muitos autores anarquistas motivaram-se a traçar uma genealogia, ou seja, um "onde tudo começou" do anarquismo, como os anarquistas **Piotr Kropotkin**, **Max Netlau** e **Rudolf Rocker**, o que os levou a incluir os nomes de *Lao Tse, Étienne de La Noétie, Fenélon* e outras experiências, como alguns movimentos religiosos Anabatistas e outras correntes do cristianismo primitivo como antecessores históricos do movimento anarquista. Realmente estas experiências e pensadores, continham em si, práticas muito semelhantes aos princípios do anarquismo, contudo, o anarquismo como movimento relevante e tendência organizada facilmente identificável, só aparece realmente na era moderna das revoluções sociais e políticas.

Antes de prosseguir, é importante lembrar, que o anarquismo como teoria, surge da observação e da experiência concreta do movimento de trabalhadores e trabalhadoras envolvidos na luta contra o capitalismo e o estado; o anarquismo não surge de uma filosofia "fabricada" por filósofos em gabinetes ou bibliotecas, mas sim da relação complementar e retroalimentada de experiências práticas e teoria.

"O anarquismo surgiu entre o povo
e só conseguirá preservar sua vitalidade
e sua força criativa enquanto
continuar sendo um movimento popular".
(Piotr Kropotkin)

É da experiência, dos retrocessos e do avanço da classe trabalhadora durante o século XIX, que o anarquismo como teoria política, ganha corpo. Sintetizando, podemos dizer que o anarquismo é **classista**, pois nasce, da relação criada na contradição ensejada pela **luta de classes**, ou seja, o capitalismo, forma de organização da vida social, como sistema que necessita dominar e explorar para funcionar, cria uma relação de classes dentro da sociedade, onde uns detêm os meios de produção e outros estão despossuídos destes; é claro que esta relação mais nítida durante o século XIX, se complexifica com o passar do tempo, mas essencialmente jamais deixa de existir.

O francês **Pierre-Joseph Proudhon**, foi o primeiro pensador a autodeclarar-se anarquista com um sentido objetivamente social e político e lançou as principais bases teóricas que posteriormente seriam desenvolvidas por outros pensadores e apropriadas por todo um amplo movimento de trabalhadores. Proudhon, fará duras críticas à propriedade privada, ao Estado e a democracia representativa; também condenará quaisquer formas de dogmas e autoridades em suas polêmicas com outros pensadores socialistas, como Marx por exemplo e lançará as bases do federalismo libertário, que se irá se opor profundamente à quaisquer formas de centralismo.

Mas é somente com o russo **Mikhail Bakunin** que o anarquismo ganha uma identidade política mais clara, é de Bakunin toda uma noção de organização do movimento anarquista como força política relevante, sua atuação dentro da Associação Internacional dos Trabalhadores caracterizará de certa forma a identidade do movimento anarquista como tal.

O anarquista **Errico Malatesta**, elucidou e desenvolveu alguns conceitos, é dele e do russo **Piotr Kropotkin** a noção de anarco-comunismo que se diferenciará do *coletivismo* econômico de Bakunin. A teoria de Malatesta também foi importante para questões relativas a organização do grupo anarquista, suas críticas ao Estado e ao capitalismo são no entanto extremamente pertinentes. Kropotkin, centrará o apoio mútuo como base da organização da sociedade e da natureza, e não a competição como pregam os liberais, desenvolverá uma crítica à economia capitalista e à economia marxista, ambas reprodutoras das hierarquias e divisões entre "planejadores" e "executores".

O anarquista **Nestor Makhno**, em seu texto, a "Plataforma", produzida conjuntamente com o grupo de exilados *Dielo Trouda* após os acontecimentos na Revolução Russa de 1917 promoverá um amplo debate interno acerca da organização dos anarquistas e sobre a atuação destes na revolução russa.

Temos outros pensadores, como a norte-americana **Emma Goldman**, o geógrafo **Elisée Reclus**, alguns também incluiríam o alemão **Max Stirner**, e seu anarquismo individualista, e também o escritor **Tolstoi** com seu pensamento cristão profundamente libertário.

Alguns pensadores contemporâneos, não menos importantes, também contribuíram como um todo ao movimento, o norte-americano **Murray Bookchin** e a tese de seu municipalismo libertário, o teórico **Paul Goodman**, o anarquista brasileiro **José Oiticica**, **Rudolf Rocker**, **Noam Chomsky**, entre outros, etc.

Alguns princípios anarquistas

Os anarquistas rejeitam duplamente o capitalismo e o Estado. O capitalismo, estando baseado na competição, na exploração do trabalho humano e no lucro, jamais conseguirá segundo os anarquistas promover o bem-estar social e material ao conjunto da sociedade humana. E além disto, o capitalismo exaure os recursos naturais e é incompatível com a construção de uma sociedade ecológica. O capitalismo também está baseado em constantes formas de dominação, que promovem e alimentam ainda que não necessariamente tenham as criado: o machismo, a homofobia, o patriarcado, o racismo, a dominação e repressão às minorias.

Em relação ao Estado, o anarquismo não trabalha sobre a concepção de apropriar-se do poder estatal, isto por que entende que o Estado não é "neutro", sob sua própria lógica de funcionamento, esconde-se um mecanismo ideológico inerente a sua construção histórica.

"*Para o anarquismo, o Estado é a obra da própria sociedade que se aliena. Sua insistência é na devolução, à sociedade, do poder que esta atribuiu ao Estado. Tratar-se-ia, portanto, de uma desalienação da sociedade, de uma reapropriação de seu poder alienado." (Motta, 1981, pp. 113)*

Há também a constituição de fortes aparatos de controle, como o sistema prisional e manicomial e os exércitos e as polícias locais, métodos institucionais de ampliação do poder das minorias que se beneficiam do sistema capitalista(políticos, empresários, autoridades, etc) e de dominação, legitimada sob o aparato estatal.

Além disso, o sistema capitalista necessita atualizar as formas de controle, por meio de mecanismos de informação(dominados pelos capitalistas), estruturas pedagógicas de (escolas e universidades geridas pelo Estado ou pela iniciativa privada) para alimentar a **ideologia**(sistema de normas e crenças) **dominante**, que justifica a **exploração** e a **dominação**.

É na gênese histórica do Estado nacional moderno[1], que se afirma o processo de dominação da classe burguesa sobre os assalariados. O anarquismo trabalha sob princípios simples,

1 Processo que se inicia com o desmantelamento das estruturas feudais e a crescente centralização do poder por meio de um aparato burocrático e jurídico que conforma uma nova estrutura de dominação.

mas em suma coerentes com o que entende por uma teoria revolucionária. Nicolas Walter, teórico anarquista, definiu o movimento anarquista como assentado sobre quatro elementos:

Econômico: contra o monopólio da propriedade; o **Político:** contra o monopólio da autoridade; o **Social:** pela construção de uma sociedade tendo por base a liberdade, a igualdade e a fraternidade autênticas e o **Individual**: pela supressão da autoridade nas relações cotidianas.*(Walter, 2002, pp. 05)*

O anarquismo também rejeita terminantemente a separação entre a ética e a política, tal separação é comumente utilizada por outras correntes socialistas amparadas pela teoria marxista do materialismo histórico, o "espírito" da história daria salvo-conduto para as organizações cometerem determinados atos, pois no final das contas, a história sendo teleológica(tendo uma finalidade) "absolveria" os atos cometidos por estes grupos.

Para os anarquistas, os fins não justificam os meios, como bem indicou o anarquista italiano ***Errico Malatesta***, *nos fins estão os* meios, isto por que os anarquistas querem atingir a anarquia *pela anarquia e como anarquistas*.

Apontamentos sobre algumas experiências históricas: o anarquismo no mundo

Como anteriormente mencionado, buscar uma raiz para o anarquismo é uma tarefa em suma complexa, mas podemos identificar mais claramente, determinados acontecimentos e atuação de determinados grupos nos quais o anarquismo teve uma participação expressiva, a partir disto podemos pontuá-los e extrair destes episódios algumas reflexões relevantes.

A omissão de determinados eventos e a limitação da descrição dos aqui contidos, se devem em razão de se tratar de um breve resumo com perspectiva mais limitada.

Os Enragés e o manifesto dos iguais (1793-1795)

Durante o período da Convenção,ou seja, no desenrolar dos acontecimentos referentes à Revolução Francesa, que abriu caminho para a consolidação do Estado Burguês, certos grupos revolucionários adotaram princípios muito semelhantes aos princípios anarquistas.

O ***Manifesto dos iguais*** conclamava a igualdade como primeira exigência da natureza e denunciava duramente o "despotismo senatorial. Os Enragés("enraivecidos"), com Jacques Roux e Jean-François Varlet atacam duramente convenção, a propriedade privada e exigiam a requisição dos gêneros de primeira necessidade. Chegaram até mesmo a convocar jornadas populares contra os que monopolizavam os gêneros alimentícios. Não desejavam tomar o poder, defendiam a democracia direta e eram contrários a representação "democrática".

Eis um excerto importante acerca da visão dos Enragés sobre o tema:

"Vós acrescentareis este artigo importante à declaração de direitos do homem: a soberania do povo é o direito natural que têm os cidadãos, nas assembléias, de eleger sem intermediários a todas as funções públicas, de discutir eles mesmos seus interesses, de redigir mandatos aos deputados que eles comissionam para fazer as leis, de se reservar a faculdade de revogar e punir dentre seus mandatários aqueles que ultrapassarem seus poderes ou traírem interesses; enfim, de examinar os decretos, que todos, excetuando aqueles que obedecem a circunstâncias particulares, não podem ter força de lei, caso eles não sejam submetidos à sanção do soberano nas assembléias primárias".

Há sem dúvida algo de muito libertário no espírito dos Enragés que os aproxima do movimento anarquista e do anarquismo.

Comuna de Paris(1871) – Por Milton Lopes

**** resumo adaptado do artigo original.***

Causada pela política externa incopetente e reacionária da monarquia de Napoleão III, a guerra da França com a Prússia conduziu em 1871, o povo de Paris em armas, à instauração da chamada "Comuna de Paris", experiência federalista e mesmo autogestionária em alguns aspectos, o que a aproxima dos postulados do socialismo libertário. A Prússia vinha se afirmando como estado imperialista na Europa ao obter vitórias militares contra a Áustria em 1864 e 1866. Em 1870 a indicação de um príncipe alemão para o trono da Espanha precipitou a declaração de guerra entre os dois estados a 19 de julho de 1870.

No início de setembro, a França já estava derrotada e o exército prussiano às portas de Paris, sendo Napoleão III aprisionado pelos prussianos.

Durante a década anterior, o proletariado de Paris havia sido objeto de intensa propaganda da Associação Internacional dos trabalhadores, fundada em Londres em 1864. A guarda nacional, composta por elementos do proletariado urbano, junta-se a chamada Guarda Móvel, constituída por camponeses vindos do interior para defender a cidade. Enquanto o exército é desmobilizado, estas corporações conservam seus armamentos.

Consciente de sua força e perante a atitude equívoca dos elementos encarregados da defesa da cidade já a 31 de outubro há uma tentativa do povo, liderado pelo socialista Blanqui de desttituir os republicanos do poder. Destroçados os últimos exércitos da França, o armistício com a Prússia é negociado em janeiro de 1871.

A Guarda Nacional de Paris, por sua vez, elege um comitê para sua coordenação e resiste às tentativas de Thiers de se apoderar de sua artilharia, proclamando a 18 de março a Comuna de Paris. O governo de Thiers deixa Paris refugiando-se na vizinha cidade de Versalhes, com o apoio do que restou do exército francês(40 mil homens). Perante o desaparecimento do exército, da polícia e dos burocratas, o povo em armas representado pela Guarda Nacional ocupa as repartições vazias e as instalações militares de defesa da cidade.

Na Paris gerida pelo povo, nas fábricas abandonadas por seus proprietários, em uma situação que virá a se repetir na Revolução Espanhola mais de 60 anos depois, os trabalhadores passam a escolher seus gerentes, chefes de oficina e equipe, reservando-se o direito de demití-los. Fixam seus salários e condições de trabalho e um comitê de fábrica se reúne todas as tardes para decidir do trabalho do dia segunte. Entregando a educação pública à organização e administração distritais, preocupa-se a Comuna em que esta seja isenta de ranço e preconceitos religiosos. No entanto, um dos primeiros erros dos revolucionários será a adoção da, já naquele momento gasta, fórmula do sufrágio universal. Internacionalistas, blanquistas, proudhonianos, republicanos e patriotas exaltados dipostos a continuar a luta contra os prussianos são seus componentes.

O fato de não haver marchado contra Versalhes quando os reacionários se encontravam em desvantagem em março permitirá a estes que se reorganizem e façam cerco a Paris. A Comuna resistirá até maio, sendo afogada em um terrível banho de sangue, entre torturas, linchamentos e fuzilamentos sumários.

Bandeiras Negras Sobre Fundo Vermelho - A presença anarquista na Revolução Russa(1917-1921) – João Henrique Castro

**** resumo adaptado do artigo original***

"Você está exagerando ao sugerir que nós usaremos a força bruta contra os anarquistas!".

Foi assim que Leon Trotsky, um dos personagens da Revolução Russa, dirigiu-se ao anarquista Volin, em abril de 1917, meses antes da tomada do poder pelos bolcheviques. Volin parecia prever que as divergências ideológicas entre os dois grupos poderiam levar a um enfrentamento de graves conseqüências. Seu temor, afi nal, não foi infundado. Apenas um ano depois, o comandante do Exército Vermelho avaliaria a ação contra os anarquistas de Moscou nestes termos: "Enfim o poder soviético varre o anarquismo da Rússia com uma vassoura de ferro".

Varrida também das páginas da história da Revolução Russa, a participação anarquista num dos episódios mais importantes do século XX apresenta cenas fortes demais para serem condenadas ao esquecimento. Elas atestam que a revolução foi um processo complexo, envolvendo diversos sujeitos sociais e variadas propostas no interior das próprias esquerdas.

A partir da segunda metade do século XIX, começa a se constituir um movimento anarquista na Rússia. Inspirados nas obras de anarquistas russos como **Bakunin**, **Kropotkin**, **Tolstoi** e **Emma Goldman**, muitos libertários exilados na Europa Ocidental irão publicar jornais libertários em solo russo.

Porém, eram muitas as correntes socialistas a tentar hegemonizar os processos que levaram à eclosão da Revolução de 1905, considerada o "ensaio geral" antes de 1917. O próprio Kropotkin reconheceria que a atuação espontânea das massas foi uma força muito mais

decisiva do que as idéias dos intelectuais de esquerda. *"Não foram os social-democratas, nem os socialistas revolucionários, nem os anarquistas que lideraram esta revolução. Foi a classe operária, o trabalhador"*, disse ele.

A volta dos expatriados após a Revolução de Fevereiro de 1917 fez com que os grupos dispersos buscassem uma rearticulação. O poeta **Volin** reconheceu que, ao chegar à Rússia em julho de 1917, eram poucos os sinais da presença de grupos anarquistas. No entanto, havia esforços para organizar um movimento que, assim como outras correntes do socialismo, sofrera com a repressão do governo imperial.

Quando eclode a **Revolução de Outubro**, muitos anarquistas participam das agitações, vislumbrando no estabelecimento dos sovietes uma possibilidade de ascensão de uma sociedade descentralizada, organizada de baixo para cima, num regime socialista fundado na autogestão social dos meios de produção e das instituições civis. Porém, a idéia bolchevique de uma ditadura comandada pelo partido recebia muitas críticas.

Os **bolcheviques**, por sua vez, acusavam os anarquistas de "contra-revolucionários" ou de "bandidos". Sob tal orientação, iniciava-se uma ofensiva vermelha contra indivíduos e organizações anarquistas na Rússia. Em seguida, a "vassoura de ferro" eliminaria grupos libertários em Petrogrado, Moscou, Kharkov e Odessa. Centenas foram presos e muitos foram executados nos porões da Cheka.

Makhnovtchina: a guerrilha de Makhno

Foi na Ucrânia, ao sul, que o anarquismo russo conheceu seu momento mais significativo. O operário Nestor Makhno, eleito presidente do soviete local, formou um Exército Insurgente de inspiração anarquista que desempenhou importante papel contra a ofensiva do Exército Branco, ajudando os bolcheviques nessa tarefa.

Em dezembro de 1919, contudo, o Exército Vermelho chegou ao sul e ordenou que os makhnovistas partissem para o front polonês. Makhno se recusou, pois não queria deixar a Ucrânia livre para o controle bolchevique. Dessa forma, virou persona non grata para os leninistas. A partir daí se iniciou a luta entre a makhnovtchina e o Exército Vermelho, com intervalos de tréguas e acordos. O avanço dos Brancos ao norte obrigou os bolcheviques a firmarem um novo acordo com a guerrilha, prometendo a libertação dos presos anarquistas e a liberdade de expressão. Makhno cumpriu sua parte impedindo a ofensiva contra-revolucionária. Já o Exército Vermelho fez justamente o contrário: em 26 de novembro de 1920 prendeu os anarquistas mais conhecidos da Ucrânia; em seguida, convidou os comandantes de Makhno para uma conferência na Criméia, durante a qual foram capturados e, depois, fuzilados. A resistência da guerrilha anarquista não poderia durar infinitamente, dada a vantagem numérica e material dos Vermelhos. Assim, Makhno fugiria para a Romênia no fim de 1920, passando por algumas prisões até alcançar a liberdade e o exílio em Paris, onde viveu até 1935.

Reflexos no Brasil: o "Soviete do Rio"

No Rio de Janeiro, então capital da República, eclodiu em 1918 uma insurreição anarquista inspirada na explosão revolucionária da Rússia. O levante pretendia instaurar o "soviete do Rio" e estava articulado com uma greve em várias fábricas no dia 18 de novembro. Os anarquistas também pretendiam atacar a Intendência de Guerra, no bairro de São Cristóvão Além de conseguir armas para a ação, o ataque trazia a expectativa de apoio dos soldados, como acontecera na Rússia.

Mas a adesão dos escalões inferiores das Forças Armadas não ocorreu. Na verdade, a aproximação de um militar ao grupo conspirador foi responsável, em parte, pela derrota da insurreição. Um tenente do Exército atuou como agente infiltrado e entregou aos seus superiores todos os detalhes do plano. Antes das ações armadas, vários líderes já tinham sido encarcerados. Ainda assim teve início uma série de combates nas ruas, com explosões, troca de tiros e algumas mortes de ambos os lados. Duas torres de energia elétrica foram explodidas e os operários tomaram o 10º Distrito Policial. No entanto, as tropas fiéis ao governo reprimiram uma rebelião que já esperavam. Além disso, a ausência de um contexto revolucionário com ampla base social – como ocorrera na Rússia – também frustrou o sucesso da ação.

Nos relatórios policiais e nas manchetes dos jornais do dia seguinte, a ideologia dominante procurava jogar a opinião pública contra os anarquistas Em geral, diziam se tratar de "agitadores" que pregavam a "desordem e a subversão do regime legal". Inclusive a "desonra de virgens" estaria, segundo a polícia, nos planos dos insurgentes. E, como em tantos outros episódios da história do Brasil, a vitória coube mais uma vez às elites.

Espanha Libertária: A Revolução Social contra o Fascismo(1936-1939)

**** resumo adaptado do artigo original***

A chamada "Guerra Civil Espanhola", nome habitual dado pela historiografia sobre o conflito militar que se desenrolou entre setores da direita(fascistas, monarquistas, igreja católica e latifundiários) e da esquerda(republicanos, anarquistas, trotskystas, etc) ainda é um tema em suma mal compreendido e deturpado pela historiografia tradicional. Primeiro, o termo "Guerra Civil Espanhola" é simplório, pois enxerga apenas do ponto de vista militar, um acontecimento que é muito mais complexo e enriquecedor.

Fruto não só do resultado de uma militância anarquista de no mínimo 40 anos anterior, o estopim da revolução se dá após a tentativa de golpe de estado dado pelo General Franco em 18 de julho de 1936, com apoio da igreja católica e de grandes industriais.

A CNT(Confederação Nacional do Trabalho), organização anarco-sindicalista e a época com 2.000.0000 de aderentes se lança a greve geral[2]. Paralelamente, as coletivizações começam a ocorrer e o povo arma-se para enfrentar o fascismo nas chamadas milícias populares.

---

2 Sua congênere, a FAI(Federação Anarquista Ibérica) reuniu de 5.000 a 30.000 membros, segundo estatísticas. A FAI era a instância ideológica do movimento operário, assentado sob o anarco-sindicalismo.

Em 21 de julho, os ferroviários catalãos coletivizam(as colocam sob o controle operário) as ferrovias, no dia 25 é a vez dos transportes urbanos, bondes, metrôs e ônibus. Depois em 26, a eletricidade e em 27 a vez das agências marítimas. (Mintz e Goldbronn, 2002, pp. 16)

"Em alguns dias, 70% das empresas industriais e comerciais foram tomadas pelos trabalhadores nessa Catalunha que concentrava sozinha dois terços da indústria do país. (Mintz e Goldbronn, 2002, pp. 16)

Além disso o campo também sofrera um intenso processo de coletivização, vastas extensões de terra outrora pertencentes aos grandes latifundiários, tornaram-se de propriedade coletiva e de uso comum. O movimento de coletivizações teria atingido entre um milhão e dois milhões e meio de trabalhadores, muitas destas formadas à revelia de qualquer organização. Vejamos o que dizem os historiadores *Frank Mintz* e *Fréderic Goldbron* sobre este processo:

"Reunidos na praça do vilarejo os títulos de propriedade eram queimados. Os camponeses traziam tudo o que possuíam à coletividade: terra, instrumentos de trabalho, animais para o arado ou outros. Em certos vilarejos o dinheiro foi abolido e substituído por bônus. Esses bônus não constituíam moeda: eles permitiam a aquisição, não de meios de produção, mas apenas de bens de consumo, e ainda em quantidade limitada." (Mintz e Goldbronn, 2002, pp. 16)

"Contrárìamente ao modelo estatista soviético, a entrada na coletividade percebida como um meio de vencer o inimigo, era voluntária. Aqueles que preferiam a fórmula da exploração familial continuavam a trabalhar sua terra, mas não podiam explorar o trabalho alheio, nem beneficiar-se dos serviços coletivos." (Mintz e Goldbronn, 2002, pp. 16)

É importante lembrar, que a própria existência das coletivizações, muito deveu em grande medida a educação que haviam tido muitos operários em escolas construídas pelos libertários, e este processo continuou, com a formação do C.E.N.U(Conselho da Escola Nova Unificada). O C.E.N.U[3] em sua breve empreitada, conseguiu acabar com os orfanatos, chamados pelos mesmos como "antros de punição", aumentou o número de professores, fundou escolas nos mais diversos locais, integrou a arte ao programa pedagógico, aumentaram o número de alunos, etc, tudo isto inspirado no modelo anarquista de educação integral(formação intelectual e manual laica e ensino público a todos).

3 O CENU era composto pela Generalitat, pela CNT e pela UGT(União Geral dos trabalhadores, central sindical dominada pelos socialistas.) e a participação da CNT deu um caráter mais libertário a proposta pedagógica.

Podemos imaginar um pouco do clima revolucionário que contaminava a Espanha nas palavras do escritor George Orwell, que inclusive participou pessoalmente do conflito, lutando nas brigadas internacionais[4]:

"O aspecto arrebatador de Barcelona superava toda expectativa. Era a primeira vez em minha vida que eu me encontrava numa cidade onde a classe operária tinha vencido. Aproximadamente todos os imóveis de alguma importância tinham sido tomados pelos operários e sobre todos flutuavam bandeiras vermelhas ou as bandeiras rubro-negras dos anarquistas (...). Toda loja, todo café portava uma inscrição informando que tinha sido coletivizado; até as caixas dos engraxates foram coletivizadas e pintadas de vermelho e preto! (...) Tudo isso era estranho e emocionante. Um boa parte disso permanecia para mim incompreensível e, inclusive, num certo sentido, não me agradava: mas havia ali um estado de coisas que me pareceu de imediato como valendo a pena que se lutasse por ele." (George Orwell, Hommage à la Catalogne, ed. Champ Libre, 1982)

Apesar de todo o esforço dos trabalhadores e camponeses espanhóis, o então aspirante a ditador Franco, com a ajuda direta de Hitler e Mussolini, golpeou duramente a frente anti-fascista(composta por amplos setores de esquerda), como exemplo mais concreto, a cidade de Guernica, duramente bombardeada pela aviação alemã, paralelamente a isto, soma-se os silêncios premeditados das "democracias" ocidentais e a atuação da "tcheca"russa, a serviço de Stalin, que assassinou diversos operário das organizações e trabalhou no âmbito de assassinar a revolução. Lutando contra o resto do mundo, os trabalhadores e trabalhadoras na Espanha foram derrotados pelo fascismo, mas seu exemplo perdura e o período da Espanha libertária provou que o socialismo libertário é possível.

A Revolução Mexicana(1910) – Felipe Corrêa

**** resumo adaptado do artigo original***

Em 1876 tem início a ditadura de Porfírio Dias, um governo caracterizado pela exploração das classes trabalhadoras e camponeses, concentração de riqueza, do poder político e do acesso à educação, basicamente em famílias de latifundiários e empresas estrangeiras, vindas principalmente da França, Inglaterra e Estados Unidos. A concentração de terras no México era absurda, e os fazendeiros proprietários eram "donos absolutos de homens e coisas", com um poder e recursos quase incomensuráveis. Apesar de o povo viver na miséria extrema, a ditadura de Diaz assegurava grandes lucros aos investimentos capitalistas do exterior. Nove milhões de mexicanos eram analfabetos.

Com o objetivo de combater essas injustiças, constituiu-se já na segunda metade do século XIX, uma resistência libertária riquíssima em sua diversidade. Podemos citar a própria constituição do Partido Comunista Mexicano, que tinha tendência bakuninista. O governo inicia uma onde de repressão fechando os círculos anarquistas e acabando violentamente com duas revoltas organizadas pelos trabalhadores.

---

4 As brigadas internacionais eram um corpo de voluntários formado por militantes de todo o mundo, que juntavam-se à frente anti-fascista para engrossar coro nas chamadas milícias populares, que combateram ferozmente o franquismo.

Alguns anos depois, já no início do século XX, Ricardo Flores Mágon seria um dos grandes representantes dos ideais livertários na luta contra a ditadura de Diaz. Magón também integra em 1901 o Partido Liberal Mexicano(PLM) que havia sido fundado um ano antes.

Aliás, por razão da influência libertária presente no partido, a partir da segunda metade da década de 1900, o PLM se radicaliza, tornando seu discurso mais combativo e criando uma tensão interna no partido, que afasta os elementos menos radicais. Vale ressaltar que o partido não concorria às eleições e servia somente como um espaço de articulação horizontal dos revolucionários libertários da época, sem o objetivo de tomar o Estado e estabelecer uma ditadura, mas para colocar um fim ao governo de Diaz, estabelecendo o comunismo libertário em seguida. O PLM tornou-se clandestino e organizou em todo o México mais de 40 grupos de resistência armada e também contou com membros indígenas, conhecidos por sua luta pelos direitos das comunidades e contra a propriedade capitalista.

A fraude eleitoral de 1910 comandada por Diaz, daria início à explosão da Revolução Mexicana. Com a prisão de Madero, seu adversário nas eleições, conseguiu reeleger-se novamente. Já em 1911 e em meio à Revolução e com apoio do sindicato norte americano IWW, os anarquistas, que tinham à frente Magón, ocupam a região da Baixa Califórnia, tomando cidades de importância como Mexicali.

Um outro interessante fato que comprova a proximidade entre Zapata e Magón acontece quando Zapata convida Magón, em 1915, para levar o periódico *Regeneración* para Morelos, colocando à sua disposição meios que dariam ao jornal uma expansão nacional.

Depois disso, o México afundou-se em um período de guerra civil. Os fatos que se deram em sequência, como a tentativa de tomada da Cidade do México por Villa e Zapata, a convocação da Assembléia Constituinte por Carranza, que depois seria eleito presidente e assassinado e os conflitos que se seguiram no país acabaram constituindo o pano de fundo da decadência do período revolucionário.

O Anarquismo no Brasil – Em época de ecos revolucionários

**** resumo adaptado do artigo original***

Originalmente o anarquismo no Brasil, chega com a experiência de luta de trabalhadores de diversas partes do mundo no final do século XIX[5], em maior número, oriundos de Portugal, Itália e Espanha, quando em época o fluxo imigratório se dava no sentido contrário do que nos acostumamos a ver hoje em dia, indo ou para as lavouras de café ou transferindo-se para as grandes cidades, como São Paulo e Rio de Janeiro(à época capital federal).

5 No caso do Rio de Janeiro, segundo o pesquisador Milton Lopes, (Lopes, 2006, pp. 27) há apenas um único registro de fato que comprove a simpatia pelo anarquismo, anterior ao ano de 1890. Só há indícios mais claros destas tendências após este período.

Contudo a atuação do anarquismo não se restringirá apenas à atuação de anarquistas "estrangeiros" já que no desenvolvimento deste atuante e combativo movimento operário os principais periódicos editados pelos trabalhadores, já serão em sua maioria de responsabilidade de "nativos". Estes periódicos serão as principais formas de divulgação, comunicação e denúncia dos trabalhadores, denúncias contundentes em um período onde para o governo federal a questão social era um verdadeiro "caso de polícia". A rápida expansão industrial nas primeiras décadas do século XX, também promoverá o aumento da concentração da classe assalariada nesses grandes centros. A exploração sob os trabalhadores, andaria *pari passu* com crescente necessidade de se organizarem, o que fomentaria a organização destes nos sindicatos[6], cuja bandeira ideológica, o anarquismo, seria a principal bússola e motor.

Os sindicatos, com forte influência anarquista, fundarão ateneus, ligas de resistência, escolas, bibliotecas, publicarão jornais, organizarão peças de teatro, passeatas e greves gerais. Pode-se citar alguns exemplos ilustrativos: as comemorações de 13 de outubro de 1911, respectivas ao segundo aniversário da morte do pedagogo fuzilado pelo Estado espanhol, Francisco Ferrer, que reúne uma multidão no mitológico Largo de São Francisco, a grande greve geral de 1917 e a luta contra a carestia, a insurreição anarquista no Rio de Janeiro em 1918, as jornadas contra o assassinato dos imigrantes Bartolomeu Sacco e Nicolas Vanzetti pelo governo norte-americano, etc.

Temos também um evento que indica a maturidade e organização do movimento sindical sob influência libertária, é a realização em 1906 do Congresso Operário Brasileiro, que reúne 43 delegados de várias partes do brasil, representando 28 associações(estivadores, ferroviários, trabalhadores em trapiches e café, setores de serviço, etc).

Neste congresso aprovou a filiação de suas teses ao sindicalismo revolucionário francês. A neutralidade sindical, o federalismo, a descentralização, o antimilitarismo, o antinacionalismo, a ação direta, a greve geral passaram a fazer parte dos princípios dos signatários das propostas deste "Primeiro Congresso Operário Brasileiro".

Contudo, o governo não se põe indiferente, frente a intensa organização dos trabalhadores. Prova disto, é a intensa repressão que sofre o movimento operário no Brasil, que é constante: fechamento de sedes de sindicatos, prisão e deportação de diversos sindicalistas[7].

A Lei Adolfo Gordo, de 1907 que regularizava a expulsão de estrangeiros envolvidos em greve, foi uma das primeiras iniciativas legais do governo neste sentido, mas o governo não pára por aí. Em 1921, o governo brasileiro mais temeroso e com novas concepções de "segurança nacional"[8] emite o decreto de nº. 4.269, de 17 de janeiro, que regula a repressão ao anarquismo

---

6 Os sindicatos sucederiam as antigas Associações de Socorro Mútuo, entidades que apoiavam materialmente os trabalhadores em casos diversos(aposentadoria, invalidez, doença, etc) em uma época que inexistia a previdência trabalhista.

7 Alguns trabalhadores eram enviados para o campo prisional de Clevelândia, onde a maioria jamais conseguia retornar, os anarquistas específicamente eram os mais atingidos.

8 O "inimigo" a partir desta nova concepção não estava fora das fronteiras do Estado, mas sim dentro: eram os grupos de esquerda, no Brasil, essencialmente os anarco-sindicalistas.

Paralelamente a isto, temos os ecos da revolução russa que no Brasil irão ocasionar acalorados debates e posteriormente dividirão o movimento operário, já que a ditadura bolchevique será duramente atacada pelos anarquistas e defendidas por figuras como Astrojildo Pereira, um dos fundadores do PCB.

O atrelamento dos sindicatos ao estado, a repressão, o autoritarismo crescente do Estado Brasileiro a partir de 1930, as divisões no movimento operário, onde os setores mais legalistas e corporativistas serão mais tolerados durante este período do que os anarquistas e a incorporação de uma estratégia paternalista do Estado para cooptar o movimento social, representado pelo vetor sindical, ajudaram a minar a presença anarquista no movimento sindical.

A falta de uma instância ideológica específica anarquista, que agrupassem os libertários fora das discussões meramente reivindicativas e limitantes do sindicalismo, que fora percebida tão brilhantemente pelo anarquista e professor José Oiticica, também contribuíram para a desagregação do movimento anarquista. A subsequente ditadura do Estado Novo, causaria ao movimento operário e anarquista uma perda incomensurável, onde somente após o fim do Estado Novo conseguiriam se reagrupar tímidamente.

O Anarquismo contemporâneo

O anarquismo contemporâneo se debruça sobre uma série de perspectivas e discussões. Podemos citar o movimento zapatista de Chiapas no México, a insurreição ocorrida em Oaxaca, o movimento anti-globalização nos anos 90, os piqueteiros na Argentina e os movimentos sem-teto e de desempregados como pontos de discussão que interessam o anarquismo e onde há sem dúvida pontos de convergência em termos de proposta.

Discussões sobre educação, especificamente a pedagogia libertária e a ecologia também são interessantes neste sentido. Há muito mais que poderia ser dito, mas espero que este material sirva para abrir uma discussão que evidentemente, não se esgota nestas resumidas páginas.

Abraços Libertários!!!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CASTRO, João Henrique.**Bandeiras Negras Sobre Fundo Vermelho - A presença anarquista na Revolução Russa.** In Informativo Libera nº 138. Rio de Janeiro, 2008.

CORRÊA, Felipe.**A Revolução Mexicana.** In Artigo FARJ: A REVOLUÇÃO MEXICANA. Rio de Janeiro, 2008.

DUPONT, Cedric. **Um Novo Sistema Educacional durante a Revolução Espanhola** In Revista Educação Libertária nº 1 – , pp.49-61 São Paulo: Editora Imaginário, 2006

FERREIRA, Maria Nazareth. **A imprensa Operária no Brasil.** Petrópolis: Editora Vozes, 1978.

LOPES, Milton. **A Comuna de Paris.** In Artigo FARJ: A COMUNA DE PARIS. Rio de Janeiro, 2008.

LOPES, Milton. **Crônica dos Primeiros Anarquistas no Rio**, pp. 27. Rio de Janeiro: Editora Achiamé, 2006.

MINTZ, Frank; GOLDBRONN, Fréderic. **Quando a Espanha Revolucionária vivia em Anarquia**. In Revista Libertários nº 01 p.15-18. São Paulo-Rio de Janeiro: Editora Imaginário, 2002.

MOTTA, Fernando C. Prestes. **Burocracia e Autogestão(a proposta de Proudhon)**, *op. Cit.,* p. 113. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981.

OLIVEIRA, José Machado de. **O projeto político dos grupos radicais durante a Revolução Francesa: algumas diferenças e aproximações** In http://www.cchn.ufes.br/anpuhes/ensaio18.htm. Acessado em 17/03/08

ROCKER, Rudolf. **A Ideologia do Anarquismo**. pp.07 1ª Ed. São Paulo: Editora Faísca, 2005

WALTER, Nicolas. **O que é Anarquismo?**. In Revista Libertários nº 01 p.05-07. São Paulo-Rio de Janeiro: Editora Imaginário, 2002

WOODCOCK, George. **Uma História das idéias e movimentos libertários: Vol. 1, A idéia**. pp.07-32 1ª Ed. Porto Alegre: Editora L & PM, 1983

INTRODUÇÃO AO ANARQUISMO / OUTRAS REFERÊNCIAS

A ANARQUIA / PIOTR KROPOTKIN – EDITORA IMAGINÁRIO

ESCRITOS REVOLUCIONÁRIOS / ERRICO MALATESTA – EDITORA IMAGINÁRIO

ESTATISMO E ANARQUIA / MIKHAIL BAKUNIN – EDITORA IMAGINÁRIO

HISTÓRIA DO MOVIMENTO OPERÁRIO REVOLUCIONÁRIO / VÁRIOS - EDITORA IMAGINÁRIO

HISTÓRIA DO ANARQUISMO NO BRASIL / VÁRIOS - EDUFF

O ANARQUISMO HOJE – EDITORA IMAGINÁRIO

O ANARQUISMO SOCIAL – FRANK MINTZ

REVISTA PROTESTA – VÁRIOS GRUPOS